

DISCIPLINA NA IGREJA

RUSSELL P. SHEDD



NOVA EDIÇÃO


VIDA NOVA

SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	7
<i>Introdução</i>	9
1. Termos-chave para a disciplina segundo o Novo Testamento	19
A. Disciplina	19
B. Ensino	24
C. Exortação	27
D. Educação	35
E. Admoestação e advertência	40
F. Repreensão e convicção	46
G. Correção	52
2. Como disciplinar?	55
A. Estudo de caso: disciplina de Pedro	60
B. Estudo de caso: disciplina de Judas	62
C. Estudo de caso: Lucas 15	66
D. Estudo de caso: Mateus 18	74
3. Exemplos de disciplina negativa no Novo Testamento	79
A. O homem que cometeu incesto	79
B. Deus disciplina sua igreja	83
C. A disciplina de Ananias e Safira	87
D. A disciplina de Simão, o mago	89
E. Himeneu e Alexandre	91
F. A disciplina de hereges	92
G. Os que pecam para a morte	100
<i>Conclusão</i>	107

PREFÁCIO

É comum nos nossos dias as igrejas evangélicas mostrarem um esforço cada vez maior para viver de acordo com os princípios ensinados por Jesus e seus apóstolos, conforme registrados no Novo Testamento. Contudo, o que se verifica é que muitas vezes não temos atingido o padrão bíblico. E uma das áreas que mais manifesta tal distância com relação ao ideal divino é a aplicação da disciplina na igreja local.

Por um lado, encontramos igrejas que pouco parecem preocupar-se com o assunto e exercem a “disciplina da indiferença”, deixando cada membro da igreja responsável por seu próprio comportamento dentro e fora da comunidade cristã. Outras, por sua vez, aplicam apenas a “disciplina da excomunhão”, eliminando da lista de membros todas as pessoas que não frequentam regularmente os cultos ou as que cometem pecados considerados “escandalosos”, geralmente de natureza sexual; e, infelizmente, há igrejas que excluem pessoas de sua lista de membros puramente por motivos pessoais ou políticos.

Por outro lado, encontramos igrejas que se preocupam excessivamente com o tema da disciplina a ponto de se tornarem comunidades reguladoras de todos os aspectos da vida de seus membros; não lhes deixando campo para a tomada de decisões éticas à luz de sua própria consciência e da Palavra de Deus. São as chamadas igrejas “legalistas”, nas quais muitas vezes o cristianismo é reduzido a uma soma de mandamentos, quase sempre negativos. Tudo é motivo de disciplina, ou seja, exclusão!

Diante de tal quadro, este livro será um guia indispensável a pastores e líderes de igrejas que têm a responsabilidade de exercer a disciplina eclesiástica e pastoral em suas comunidades locais. Dr. Shedd expõe com clareza e profundidade os princípios teológicos e práticos do exercício da disciplina na igreja, conforme relatados no Novo Testamento. Sua leitura proporcionará inquietantes e emocionantes descobertas da grande riqueza que envolve o ensino neotestamentário sobre a disciplina na igreja. A aplicação destes princípios, creio, resultará em igrejas mais fortes e maduras e, mais adiante, na glória do nosso Deus e Salvador.

INTRODUÇÃO

Deus ama sua igreja. Por amor a ela, é que Deus não poupou seu Filho único e amado (Rm 8.32). Entre os vários títulos que descrevem a igreja, “a família de Deus” e “filhos de Deus” revelam a preocupação ímpar que o Pai celestial tem para com o bem-estar de todos os seus filhos: usufruir do privilégio extraordinário que é pertencer à igreja de Cristo.

Ninguém acredita, porém, que a participação na comunhão dos santos garanta que o filho adotivo passe a ser parecido com o Filho eterno ou que se comporte como o Pai. Certamente esse deveria ser o alvo, mas na realidade concreta da igreja, experimentada por nós numa comunidade que reúne pessoas com todas as suas debilidades, muitas vezes que se conhecem bem de perto, o ideal pouco ou nunca se vê.

Filhos de Deus muitas vezes falam, pensam e agem como filhos de Adão e até do Diabo (Jo 8.44; 1Jo 3.10; Gl 5.15). A disparidade entre a santidade que a filiação divina tem o propósito de produzir (Ef 1.4; 5.26s) e a iniquidade que os membros da família divina naturalmente praticam demonstra a necessidade impreterível da disciplina.

Pela “instru[ção] em justiça” (2Tm 3.16), os imaturos e ignorantes devem avançar por meio da transformação operada pelo Espírito até refletir a “mesma imagem” de Jesus Cristo (2Co 3.18). “Crianças em Cristo” é uma figura que o apóstolo Paulo utilizou para caracterizar os coríntios sem maturidade (1Co 3.1-3), justamente porque não manifestavam sinais de filiação divina, mas sim humana e carnal:

Irmãos, não vos pude falar como a pessoas espirituais, mas como a pessoas carnis, como a crianças em Cristo. [...] Visto que há inveja e discórdias entre vós, por acaso não estais sendo carnis, vivendo segundo padrões puramente humanos?

É comum que se interprete o texto como uma referência a descrentes, não a cristãos, na expressão “os que se intrometem pelas casas” (2Tm 3.6). No entanto, não foi essa a atitude que Paulo expressou em relação aos coríntios:

Pois em tudo fostes enriquecidos nele, em toda palavra e em todo conhecimento, porque o testemunho de Cristo foi confirmado entre vós; de modo que não vos falta nenhum dom, enquanto aguardais a revelação de nosso Senhor Jesus Cristo. Ele também vos firmará até o fim, para serdes irrepreensíveis no dia de nosso Senhor Jesus Cristo. (1Co 1.5-8)

Pode parecer chocante concluir que não há nenhum meio seguro de distinguir os filhos verdadeiros dos falsos (chamados “ilegítimos” em Hb 12.8) a não ser no longo prazo.¹ Com o passar dos anos, os filhos pródigos ou perdidos voltarão arrependidos para casa, e os ilegítimos confirmarão que necessitam da graça salvadora. É bastante comum que pessoas que frequentem a igreja com regularidade, e até sejam membros ativos, também com regularidade deem a impressão de serem

¹Diz Hebreus 3.14: “Porque temos nos tornado participantes de Cristo, se mantivermos a nossa confiança inicial firme até o fim”. A parábola do joio, contada por Jesus, ensina uma verdade paralela: somente os anjos no julgamento terão meios de separar os salvos dos perdidos (Mt 13.24-30; 36-43).

verdadeiros cristãos simplesmente porque aprenderam a falar e atuar segundo os modelos que a igreja adota. No entanto, é provável que não estejam dispostos a perder a amizade e o apoio que a igreja lhes fornece, embora, na realidade, nunca tenham de fato sentido convicção sincera e profunda de pecado a ponto de se arrepender.

Outros passam os dias mergulhados na falsa segurança, apoiados num sutil descompromisso de pastores que pregam a mensagem de graça barata. Segundo tal doutrina, pode-se optar entre receber Jesus Cristo como Salvador e viver uma vida carnal, ou escolher a vida “espiritual” tendo Jesus Cristo como Senhor. É bem fácil mostrar que nem Jesus (cf. Mt 7.16-23) nem os apóstolos endossaram tamanha dubiedade (Rm 8.5-9; Hb 12.14; 1Jo 3.6,9; 1Pe 1.16,17,22).

O que vemos é muitos líderes eclesiásticos reconhecerem a impossibilidade de julgar quem tem “a semente de Deus” (1Jo 3.9) e quem a necessita; por isso decidem permitir o trigo e o joio “crescerem juntos até a colheita”, isto é, até o julgamento de Deus no juízo final. Ele, sim, fará a separação sem nenhum engano. Mas evitar a disciplina acaba diluindo, barateando e finalmente destruindo a igreja. Isso porque encoraja a adesão de indivíduos que não mostram interesse genuíno nos alvos e padrões sublimes do Reino de Deus, mas que apenas buscam vantagens mundanas.² A história da igreja está repleta de casos em que a motivação espiritual esteve sujeita às ambições humanas.

²Certo senhor que pretendia estabelecer uma imobiliária em um centro urbano indagou qual igreja, a Primeira Presbiteriana ou a Primeira Batista, tinha mais negociantes imobiliários. Tornou-se membro da igreja que oferecia maior potencial de expansão a seu negócio.

Outros, porém, sentem um zelo semelhante ao de Fineias em alcançar a pureza da casa de Deus (Nm 25.1-15). O pecado não tem vez em igrejas pastoreadas por tais dirigentes.³ Se houver suspeita de algum pecado oculto, eles, como cães farejadores, seguem uma pista até descobrir e disciplinar o(s) errado(s). Pouco se preocupam com o perigo de “ofender” ou “fazer tropeçar um destes pequeninos que creem em mim”, conforme disse Jesus (Mt 18.6). Segundo esse padrão, o pecado não pode ser tolerado porque, como câncer, corrói e destrói a vida do corpo de Cristo, que é verdade incontestável.

No caso anterior, no qual a disciplina é esquecida, a igreja deixa de existir, no sentido de organismo espiritual, porque não há consciência, muito menos manutenção, da separação entre cristão e não cristão. A Igreja Católica Romana exemplifica bem essa atitude. Segundo estimativa do IBGE de 2011, 64,6%⁴ da população brasileira é membro da Igreja que se diz a única e verdadeira de Cristo. Mas milhões de espíritas

³Foi assim que um pastor expressou seu protesto contra a posição do pr. Ray Stedman revelada em seu sermão “A igreja pura e verdadeira”, que acabou sendo publicado num suplemento especial da *Liderança pastoral*, 1980, Curitiba. Assim dizia o pr. Stedman: “Não inicie uma cruzada que tenha apenas o propósito de acabar com a maldade ou com os erros, especialmente o erro religioso, porque nisso você não prosperará”. O pastor que protestava disse em contrapartida: “Esse é um convite ao comodismo e também uma excelente justificativa de consciência para pastores indolentes e os que estão ultrapassando a linha divisória entre o mercenarismo e o pastorado [...] Já há joio demais no mundo. Por que o toleramos também dentro da igreja? Discordo terminantemente do pr. Ray Stedman, que diz que há filhos do Maligno em cada igreja”.

⁴Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Religi%C3%B5es_no_Brasil>. Acesso em: 18 dez. 2012.

Disciplinar um filho não significa castigá-lo porque ele se desviou do caminho, mas ensinar-lhe o caminho que deve trilhar.

Dr. H. Brandt

Neste livro o dr. Shedd expõe a visão neotestamentária da disciplina eclesiástica. Entre as analogias que descrevem a igreja do Novo Testamento, uma das mais sugestivas é a da família de Deus. Ele é o Pai. Os pastores, dirigentes e os próprios membros têm a responsabilidade de cooperar com o Pai na disciplina da família.

Segundo o autor, existem dois tipos de disciplina. A disciplina positiva tem por finalidade desenvolver a maturidade dos membros da igreja. Já a disciplina negativa lida com as questões do pecado e da rebeldia na igreja. É surpreendente descobrir quantas instruções Deus nos proporciona em sua Palavra, a fim de orientar os que se empenham no árduo ministério de conduzir a igreja para o aperfeiçoamento em Cristo (Cl 1.28).



VIDA NOVA

www.vidanova.com.br

ISBN 978-85-275-0542-0



9 788527 505420